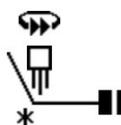
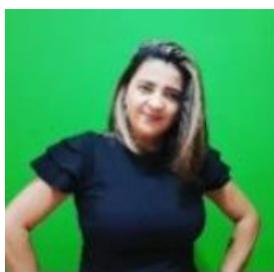
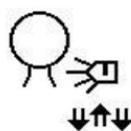


SETEMBRO: MÊS DA CONSCIÊNCIA SURDA

September: deaf awareness month



Michelle Andréa Murta¹



Gladis Perlin²

¹ Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil; michelle.murta@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, SC, Brasil; gladisperlin@gmail.com

RESUMO

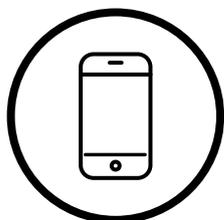
O artigo propõe, a partir da perspectiva de doutores surdos, que setembro seja reconhecido como o mês da consciência surda, já que diversas datas significativas para essa comunidade são celebradas nesse período. O objetivo é refletir sobre o conceito de consciência e sua aplicação à realidade dos surdos, fortalecendo o senso de representatividade e protagonismo. A base teórica inclui autores como Ribeiro (2019), Perlin (1998) e Lara (2021), cujas contribuições sustentam a argumentação. A luta da comunidade surda é relacionada à de outros grupos oprimidos por não se enquadrarem nos padrões considerados “normais”, evidenciando a importância da valorização de suas identidades. A conscientização sobre seu papel social destaca a necessidade constante de garantir direitos, acessibilidade e respeito à cultura surda. O artigo também apresenta elementos que justificam a celebração de setembro, desde as raízes ancestrais até os saberes atuais relacionados à vivência e à identidade do “ser surdo”.

Palavras-chave: Consciência surda; Setembro; Comemorações

ABSTRACT

The article, based on the perspective of Deaf scholars, proposes that September be recognized as Deaf Awareness Month, since several important dates for this community are celebrated during this period. The objective is to reflect on the concept of awareness and how it applies to the reality of Deaf individuals, strengthening their sense of representation and protagonism. The theoretical foundation includes authors such as Ribeiro (2019), Perlin (1998), and Lara (2021), whose contributions support the argument. The struggle of the Deaf community is related to that of other oppressed groups who do not conform to so-called “normal” standards, highlighting the importance of valuing their identities. Awareness of their social role underscores the ongoing need to ensure rights, accessibility, and respect for Deaf culture. The article also presents elements that justify the celebration of September, from ancestral roots to contemporary knowledge related to the experience and identity of “being Deaf.”

Keywords: Deaf conscience. September. Celebrations



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**
<https://youtu.be/FfWbyRoU2QY>



Introdução

No final do ano de 2022, os doutores surdos, em sua maioria efetivos como professores do Ensino Superior nas diferentes universidades brasileiras, acolheram a proposta do colega Fabiano Rosa, ativista da comunidade surda. Em seu contato com os doutores surdos, Fabiano insistia ser necessário dar um novo significado às comemorações do mês de setembro.

Esta proposta significa que as comemorações do mês de setembro necessitam assumir o lugar de fala do surdo. O uso do lugar de fala nas comemorações se refere a atribuir legitimidade aos surdos diante das epistemologias tradicionais e hierarquias sociais, trazendo a própria vivência e a experiência de ser surdo e contra as opressões estruturais que nos impedem o direito à legitimidade de ser diferente.

A presença dos surdos no cenário (inter)nacional não é recente. Embora a conscientização da necessidade que este povo tem da língua de sinais seja crescente, casos de segregação linguística e de normatização ainda são frequentes em diferentes situações sociais.



Durante os anos em que passamos por uma norma audista, pensaram que continuaríamos indefinidamente nesse contexto. O que nos fez chegar ao mês da consciência surda, é então, outra questão pela qual nós narramos como surdos, como etnia, como povo. Somos uma etnia linguística. Somos filhos e filhas da cultura surda e a cultura surda mostra ao mundo um jeito diferente de vida.

Por isso, comemorar nossas festas significa insistir que algo está relacionado a nós. Significa lembrarmos, recordarmos, comemorarmos, rememorar nossas vitórias, bem como os fatos e acontecimentos importantes. A partir disso, o mês de setembro passou a ser um rol dessas comemorações.

Com esse artigo, intencionamos contribuir para a reflexão em torno do que cooperou para chegarmos a denominar o mês de setembro como o “mês da consciência surda”. E, se o mês de setembro passa a se chamar assim, importa chegar ao porquê das vozes, histórias e eventos que o trazem presente.

1 Principais acontecimentos de setembro como mês da consciência surda

O mês de setembro aponta algumas datas comemorativas sobre os surdos. Isso não significa que existam comemorações somente em setembro, mas que este mês traz uma série de fatos sobre casos históricos de audismo, fundações ou de comemorações. É importante tê-lo como mês de referência para a conscientização sobre o audismo e suas causas, a violência linguística, os casos de discriminação, de usurpação do lugar de fala, frequentes em diferentes situações sociais. Setembro também tem fatos legítimos de reconhecimento como celebrações culturais e identitárias.

Portanto, o mês apresenta uma série de inovações, que marcam a violência linguística e o epistemicídio. Elencamos algumas delas, as quais servem como importantes pilares para a construção epistemológica sobre o surdo na sociedade, e torna setembro o mês mais celebrado pelos surdos. A lista a seguir não apresenta as principais comemorações e estamos cientes que há outras comemorações além das que serão descritas. Esta lista não tem pretensão de ser completa, afinal, outras questões poderão ser incluídas. No entanto, seguimos mostrando os eventos, na perspectiva de onde, como e o que se refere ao significado das datas.

1.1 06 a 11 de Setembro - Realização do Congresso de Milão

O Congresso Internacional em Milão ocorreu entre os dias 06 e 11 de setembro do ano de 1880, na Itália. Este evento foi promovido pelos principais participantes, os quais, em sua maioria, são defensores da filosofia. Os poucos surdos presentes não conseguiram representar um percentual para a votação dos interesses do povo surdo, pois não foram convidados.

O audismo proposto pelo Congresso determinou a proibição do uso das línguas de sinais de forma oficial. Assim, a língua de sinais passou a ser proibida na educação de surdos e a língua oral, oficial de cada país, foi indicada para a instrução dos surdos em educação. A tal possessão do audismo, em decorrência do Congresso de Milão, atingiu dimensões mundiais e apenas 100 anos depois a decisão seria questionada. A data é significativa por ser

um dos marcos da retificação das identidades do povo surdo.

1.2 23 de setembro - Fundação da Federação World For Deaf

O dia 23 de setembro de 1951 se constitui como marco pela criação da Federação internacionalmente conhecida como *World For Deaf - WFD*, fundada na cidade Roma, Itália. Erigida originalmente para congregar e dirigir políticas para os surdos ao nível internacional, seu objetivo principal é garantir que os surdos, por meio da promoção da língua e cultura, tenham direitos respeitados,

A Federação é reconhecida pela Organização das Nações Unidas - ONU, e representa cerca de 70 milhões de surdos distribuídos por diferentes continentes. Trata-se de uma organização não governamental. A WFD, atualmente, propôs o lema que movimenta as organizações surdas no mundo inteiro: “Nada sobre nós surdos, sem nós!”, um lema que visa o reconhecimento do lugar de fala dos surdos motivando ao debate social sobre a importância da língua, identidade e cultura surda.

Essa Federação é reconhecida no Brasil como Federação Mundial dos Surdos - FMS, na qual temos vínculo através da nossa Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS.

1.3 23 de setembro - Dia Internacional das Línguas de Sinais

A data foi criada em 23 de setembro de 2017 pelas Nações Unidas - ONU. Neste órgão internacional existem 193 países-membros, os quais visam manter interesses e direitos específicos. Em uma de suas Assembleias Gerais, declarou o dia 23 de setembro como Dia Internacional das Línguas de Sinais. Nota-se que se trata da mesma data da criação da WFD, em 1951.

Esse evento, celebrado a cada ano, tem como objetivo reconhecer a importância e preservação das línguas de sinais. A data nos faz lembrar da necessidade de proporcionar aos surdos o acesso à língua de sinais para uso na comunicação e instrução. Também visa o crescimento e desenvolvimento linguístico e social.

1.4 26 de setembro - Dia Nacional dos Surdos

No Brasil, o dia 26 de setembro foi oficializado para ser o dia dos surdos. A oficialização aconteceu por meio do Decreto-Lei. Nº 11.796, de 29 de outubro de 2008. Essa data faz referência à fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, uma das primeiras obras para os surdos do Brasil, criado em 1857, no Rio de Janeiro. A data visa à reflexão sobre os direitos dos surdos, além da luta para que a inclusão social aconteça de maneira efetiva.

1.5 26 setembro - Fundação do INES

O INES (2022), cujo nome inicial é Instituto Imperial de Surdos-Mudos, foi fundado em 26 de setembro de 1857 na cidade do Rio de Janeiro, por influência do professor surdo francês E. Huet, responsável por apresentar ao Imperador Dom Pedro II uma proposta de escola para crianças surdas. Anos depois a escola passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES.

Atualmente o INES é uma das mais importantes escolas de surdos do Brasil. Ao longo

dos anos, o instituto tem sido responsável por momentos decisivos para o desenvolvimento da educação de surdos.

1.6 30 de setembro - Dia Internacional do Surdo

A comemoração desse dia iniciou-se em setembro de 1958, em Roma, Itália e foi celebrada pela WFD. A escolha de celebrar o Dia Internacional do Surdo está ligada ao Congresso de Milão do ano de 1880, visto que ele foi responsável por criar uma lei para proibição do uso das línguas de sinais na instrução de surdos, o que causou inúmeros danos, conforme mostra Pars Today (2022). As comemorações por todo o mundo valorizam as identidades surdas e objetivam a reflexão sobre as lutas surdas.

1.7 30 de setembro - Dia Internacional do Tradutor Intérprete das Línguas de Sinais

Esse dia faz referência ao dia de São Jerônimo, falecido em 30 de setembro de 420 d.C. O santo foi responsável por traduzir a bíblia da língua hebraica e grega para o latim. A data começou a ser celebrada no ano de 1991, pela Federação Internacional dos Tradutores (FIT). No Brasil também existe a Federação Brasileira para os Intérpretes de Línguas de Sinais - FEBRAPILS, que atua em políticas voltadas para esses profissionais com objetivo de formá-los, capacitá-los e valorizá-los, reconhecendo o papel fundamental que desempenham na vida das pessoas surdas. Conforme evidenciado em Febrapils (2022), a data vem sendo comemorada em todo mundo.

1.8 Última semana completa de setembro - Semana Internacional dos Surdos

A semana comemorativa foi criada pela WFD, objetivando a representatividade surda e celebrando questões importantes para o surdo no mundo contemporâneo. Esta data celebrativa acontece sempre na última semana completa do mês de setembro. Foi celebrada pela primeira vez em 1958, na cidade de Roma, Itália. No ano de 2022, a Semana Internacional dos Surdos aconteceu entre os dias 19 e 25 de setembro com a temática *Building Inclusive Communities for All* (Construindo Comunidades Inclusivas para Todos). O evento é um importante aliado para a divulgação social dos surdos em todo o mundo. Durante a referida semana, o princípio de reconhecimento das pessoas surdas é um fator marcante, pois traz a perspectiva de luta por direitos essenciais ao povo surdo (cf BIBLIOTECA, 2022).

2 Noção e consciência de celebrar

Esta seção irá discutir o que é celebrar o mês da consciência surda. A filósofa e escritora negra Djamila Ribeiro (2019) decretou que o lugar dos negros assume discursos inerentes a eles próprios, sempre. De igual modo, nós, surdos, temos que assumir e celebrar o nosso próprio discurso. A razão disso é que a consciência surda não surge repentinamente, afinal, interferências externas a pressionam a ser tardia. Inclusive, muitas vezes a nossa consciência é dominada por vários fatores, os quais interferem no seu desenvolvimento e continuidade.

Henric Hobsbawn (1977) afirma que movimentos como o nosso tendem a tornar-se “substância”. Isso se refere ao que nos é próprio, inerente ao nosso povo. Anderson (2008)

afirma que o espaço que nos leva a livrar-nos da condição de ser ‘sub’, ou seja, o que nos mantém como doentes, sem direito a ser humanos, desconhecidos, inferiores e sob o prisma da violência linguística. Logo, a consciência tem que ser construída mediante a divulgação de novas epistemologias sobre o surdo ou a divulgação de nossa cultura. Não é para menos que Hall (2006) cita o fato de o nosso tempo ser mais provável a novas identificações locais de cultura, do que uma cultura global e homogênea. A cultura global que muitos apregoam, ou mesmo o multiculturalismo, não se aplica ao caso dos surdos, afinal, somos uma cultura visual e não auditiva. Desse modo, percebe-se que, quando se refere a nós, uma cultura unificada é impossível. Assimilar as diferentes culturas se torna muito difícil, pois nossa cultura é diferente e os surdos podem se ater ao hibridismo. No entanto, isso é um processo lento para surdos que já nasceram nessa condição.

2.1 O conceito de consciência

Existe uma infinidade de conceitos sobre o que é consciência e esses conceitos se subdividem em uma série de áreas como: consciência histórica, consciência social, consciência cultural, consciência pátria etc. Entre essas áreas há também o conceito de consciência de si, conhecida como a capacidade de o sujeito se perceber, entender e agir diante de culturas e ações políticas que perpassam a sociedade na qual se insere e interage. A própria cultura surda é constituidora de consciência que pode ser de políticas que permitam viver com dignidade. Geralmente muitas dessas práticas culturais surdas provêm de nossos ancestrais.

Há também o conceito de consciência social, que se refere aos povos, etnias ou grupos. No que tange a celebrações, diríamos que cada um possui seus heróis, seus feitos, suas vitórias e suas ações políticas advindas da consciência. No caso da busca pela igualdade dos sujeitos, a destituição das identidades e a aceção de diversidades fazem com que a prevalência de uns sobre outros continue.

Assim, o surdo se dilui como sendo diverso de outros e obrigado a aceitar o que não lhes pertence, a perder-se culturalmente, a sentir-se estrangeiro ou a não ser grupo fixo. A promoção e valorização do ser humano e da identidade cultural de todos os povos perpassam pela consciência cultural. Ignorar-se não ajuda o sujeito a ser consciente de si.

É notória a percepção de que a maioria dos surdos epistemologicamente não se nomeia como povo ou como etnicidade linguística, afinal, esses surdos ficam sujeitos a integrarem-se como os deficientes, a marginalizar-se. Em outras palavras, ficam sujeitos a ser parte de comunidades em que os ouvintes devessem falar por eles. Estas comunidades denominadas surdas são incentivadas, citadas, valorizadas. São compostas por pais, filhos (codas), irmãos, intérpretes, apoiadores e ouvintes. Há algumas lutas que concorrem para fazer com que os surdos assumam como protagonistas de suas próprias diferenças. Nossa luta é contra a ideia de que os surdos somos os “sub” e os ouvintes os apoiadores. Frente a isso, a WFD incentivou os surdos a assumirem sua causa. Também transparece a ideia de que os surdos não são o outro do outro, mas iguais. No entanto, ocorre que, mesmo tendo surdos doutores e professores, não valemos mais que os que nada conseguiram mediante estudos. É certo que nesse caso, o epistemicídio terá prevalência e muitos de nós surdos, nos depararemos com as perguntas: Você sabe ler? Você sabe escrever?

Com isso, volta a ideia de deficiência e da necessidade de mostrar competência. Mui-

tos ainda querem continuar como protegidos na Comunidade Surda e, com isso, somos prejudicados quando optamos pela falta de uma visão de povo culturalmente diferente, de etnia linguística com identidade forte, contendo, leis, cultura, história, protagonistas. Por isso a necessidade de representatividade de nossa diferença, da celebração do nosso.

2.2 Como desenvolver a consciência sobre o ser surdo?

Nas celebrações do mês de setembro temos um instrumento para indicar o desenvolvimento da consciência surda. É preciso educar a população surda para que, esta, construa seu pensar e viver diferentemente do que vivia em tempos passados sob o domínio do audismo. Lara (2021, p. 43) nota a presença necessária do protagonismo surdo e declara: “é preciso empreender esforços em um tipo de educação que consiga mostrar, aos próprios surdos, o poder que têm juntos, para tomarem para si, em muitos casos, as rédeas de suas vidas.”.

Essa declaração é uma menção notável neste tempo em que os 82 doutores surdos se reuniram para reconhecer o mês de setembro como o mês da consciência surda. As questões desse debate foram as questões de direitos dos surdos como convivência de pares, língua educação, esportes, bem como os direitos culturais já adquiridos, as ações e Leis que possibilitam a sobrevivência.

É visível que o despertar da consciência surda deveria ser iniciado na família, pois não se nasce surdo, torna-se. Trata-se de um processo que permite ao surdo se entender a sua existência. Na família com um membro surdo, ele dificilmente consegue ter percepção de sua diferença e de sua identidade como sendo surdo. Esse processo de ser surdo é um processo interno da subjetividade. Quando esse surdo se dá conta que é surdo, já alcançou uma idade relevante na vida. Se descobrir surdo tardiamente ocorre com a maioria desses sujeitos. Por outro lado, na família com vários integrantes surdos a percepção da diferença é natural e não necessita de um processo mais demorado.

A consciência de ser surdo inicia quando se dá o encontro surdo-surdo, ou seja, um encontro com sua identidade e diferença. O sujeito surdo se percebe, se aceita e passa a ter orgulho da língua diferenciada e, conseqüentemente, da cultura surda. Logo, é aceitável a necessidade de conviver com outros surdos. Com isso, inicia a consciência surda, que se percebe mais presente nos movimentos surdos que assumem causas diferenciadas.

A consciência surda é um misto de conscientização da presença do sujeito surdo na sociedade. É triste notar que em muitos lugares a sociedade atual ainda conserva a ideia do surdo como sujeito doente, ou como diversidade. Não há o conhecimento de que o indivíduo surdo seja identificado pela diferença como um “sujeito leitor” (Davis, 1996), como também, não há o conhecimento social do valor da cultura surda identificada pela língua de sinais, bem como sua história, sua pedagogia, suas vivências. A cultura surda não é identificada no momento da luta das pessoas surdas que levantam os problemas e assumem conseqüências e denúncias contra as pessoas que as excluem ou que usurpam seu lugar de fala.

Ribeiro (2019) discorre sobre um ponto importante: o enfrentamento da opressão do povo negro. O povo surdo, por sua vez, passa pelo enfrentamento da violência linguística em que historicamente somos oprimidos e privados dos direitos básicos de um ser humano.

Ribeiro (2019, p. 31) também discorre sobre a relação de como as pessoas brancas in-

sistem em falar das pessoas negras, em diversas áreas, especialmente na política. A autora afirma que, neste contexto, se uma pessoa negra deseja se manifestar, é vista como separatista. O mesmo ocorre com os surdos, no entanto, a acusação de que pretendemos formar guetos ou de sermos segregadores é injusta. Tal ação tem como ideologia subjacente de calar a voz daquele que sente na pele e sabe os caminhos que foram percorridos desde seus antepassados. A autora finaliza abordando uma reflexão do porquê, visto que nos últimos anos vem surgindo muitas feministas negras, pensando na categoria mulher negra.

Citamos também sobre as mulheres surdas, pois sabemos que muitas delas foram escravas sexuais, tendo seus filhos arrancados dos seus braços, tratadas com pouca dignidade e com a mínima oportunidade de lugar de fala. As denúncias das mulheres surdas, principalmente nos hospitais onde não recebem informações sobre seus corpos, são gritantes, o que pode ser comprovado com o relatório da Primeira Conferência Estadual da mulher surda realizada no Rio Grande do Sul (Feneis, 2023).

Para melhor entendimento, “lugar de fala” é quando ocupamos um determinado espaço e tomar como próprio espaço falando do que vivemos, sentimos, somos, e o que queremos, e no caso da pessoa surda, nada melhor do que ela mesma ocupar este espaço. Com isso, abordaremos a seguir como esse conceito se relaciona com a consciência surda.

Vejamos como as lutas das minorias são parecidas, pois nossa “voz” ainda se encontra em tom baixo diante da maioria, portanto, utilizaremos um trecho do texto da Ribeiro (2019) e abordaremos a questão de ouvintes falar por surdos. Assim como a autora citou o fato de pessoas brancas falarem sobre negros, a voz do ouvinte jamais deve ser superior à voz dos surdos em relação a qualquer tema, especialmente o lugar de fala de quem é surdo. O surdo é quem convive 24 horas na violência linguística com a maioria ouvinte; quem não ouve o filho chorar de madrugada e precisa ficar sempre atenta; quem perde o correio por não ouvir a campainha; e é quem, quando criança recebe na escola apelido pejorativo de mudinho etc.

Devido a esses e outros fatores, surge o movimento surdo, em que a voz do sujeito surdo é prioritária, onde os ouvintes podem acrescentar ou dar sugestão, mas a decisão final é dos surdos, integrantes do movimento. Afinal, quem sabe sobre nós, senão nós mesmos?

2.3. Alguns elementos para celebrar no mês de setembro

Para celebração da consciência surda os doutores surdos citaram uma série de elementos. Eles ora fazem parte da subjetividade surda, ora da celebração, entre outros. As denominações de setembro azul, ou mesmo, setembro surdo, já não estão mais indicando potencial para tanto e o que contribui para denominar como “mês da consciência surda” se orienta nas novas programações. Este mês também contém celebrações que fortalecem a luta, com isso, nossos pares se uniram em busca de uma ação direta.

Objetivando trazer elementos para a celebração da consciência surda, recorreremos aos fatos diários do povo surdo, que precisou de anos para organizar esses elementos. Em poucas palavras, podemos definir os elementos necessários para dar representatividade à pessoa surda e, neste espaço, vamos abordar os elementos que constituem a luta e resistência política do povo surdo. Os elementos aqui citados foram sugestões de vários doutores sur-

dos. Compreender a referência de cada elemento é fundamental para construção da consciência e representatividade surda, bem como entender os fatores que os ligam à nossa luta.

2.4 Fatores para celebrar

Figura 1. Setembro: Mês da consciência surda³



2.4.1 - “Ser surdo”: celebrar o ser surdo! Na figura 01, o elemento principal é o “ser surdo” e ele é um dos atributos mais importantes. Ser surdo é subjetivo, é viver com seus pares, ou seja, ser alguém que possui a experiência visual “leitor por excelência” e viver o *deafhood* que, nas palavras de Paddy Ladd (2003), significa deaf = surdo e hood = ser. É a opção pela diferença, pelo ser o que se é, ou seja, levar em frente a luta pela diferença de ser surdo. O “ser surdo” envolve o orgulho de fazer parte da etnia surda, aceitar a identidade, a língua, a cultura e fazer parte do povo surdo. Ser surdo não está ligado à perda auditiva, mas sim à diferença de ser. Ser surdo, conforme afirmam Ladd & Lane (2013), é viver a luta central da revolta contra os padrões culturais opressivos do audismo que nós surdos interiorizamos.

2,4,2 - As identidades surdas: Perlin (1998) e Ladd (2003) destacam a importância das identidades surdas. Ambos defendem que as identidades surdas são múltiplas e não se limitam a uma identidade padrão. Isso desconstrói o mito de que todos os surdos são iguais, afinal, cada sujeito tem sua forma de compreender e viver experiências. Trazemos aqui uma fala de uma surda integrante da pesquisa sobre as identidades surdas e o momento do encontro com outros surdos: “Aquilo do meu encontro com o outro surdo tinha o igual que eu queria; o que identificava eles identifica a mim também e faz ser eu mesma, igual.” (Perlin, 1998, p. 54). As identidades são algo marcante na luta pela valorização do surdo, cabe a nós

¹ Fonte: Retirada do Instagram de Fabiano Rosa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiAWEyqOSF6/?igshid=MzRIODBiNW-FIZA==>. Acesso em: 22 jun. 2023.

entendermos, respeitar e apoiar.

2.4.3 - As ancestralidades surdas: celebrar fatos da história faz parte da raiz de um povo e é um fator marcante para seu reconhecimento. O princípio para entendermos o povo surdo está também ligado à sua ancestralidade. Portanto, devemos voltar aos anos de 1870 - 1900, onde escritos de nossos ancestrais surdos mostram violências, revoltas e resistências durante congressos e encontros internacionais mediante as enunciações discursivas contraditórias aos surdos. Por exemplo, podemos perguntar que tipo de educação os protagonistas surdos pretendiam. Nos anos atuais ainda estamos trabalhando para o fim da proibição de promover a educação bilíngue. Há livros escritos por ativistas surdos daqueles tempos, como Ferdinand Berthier (1984), importante ativista surdo de meados do século XIX, defendendo a educação de surdos do mesmo modo que nós protagonistas nos dias atuais, mostrando que através da língua de sinais o surdo tem acesso a outras línguas (Souza, 1998). Além desses, existiram outras lideranças surdas que também lutaram contra a violência linguística. Podemos, assim, entender que naqueles anos o surdo ainda não era visto como um integrante da sociedade.

2.4.4 - Celebrar como povo e como etnia: celebrar com a conscientização de povo ou etnia deve fazer parte do entendimento de quem somos na sociedade. Padden e Humphries (1998) nos definem como povo, ou seja, como grupo de sujeitos surdos, com costumes, histórias e tradições, e que percebem o mundo por meio da visão. As teorias da etnicidade nos captam bem, uma vez que adentramos na lógica sobre a produção da diferença. De acordo com Fredrick Barth (2011). Temos fronteiras sociais que merecem atenção, não havendo, porém, as chamadas contrapartidas territoriais. No caso do povo surdo a contrapartida é a língua de sinais nos definindo como etnia linguística.

2.4.5 - A cultura: A cultura surda possibilita o encontro com os artefatos culturais surdos e suas características, valores e crenças. Em seu contexto pedagógico, encontraremos as diferentes línguas de sinais, as estratégias que valorizam o visual, dados e atos surdos. A Cultura abrange também áreas de representação, tais como: transmissão de conhecimento entre gerações sobre a língua e o povo surdo, experiências visuais, pedagogia dos surdos, literatura surda, artes visuais e esportes. Enfim, a cultura surda dá possibilidade a uma ampla gama de celebrações.

2.4.6 - Língua de sinais e escrita de sinais: A celebração também permite enfatizar os atributos da Libras e da escrita de sinais. Assim, a Libras é reconhecida como meio de comunicação e expressão para os surdos (Stumpf, 2005). Tem-se a escrita da Libras fazendo dela uma língua gráfica entre as muitas línguas. Temos também que comemorar que a Libras tem suas múltiplas facetas. Dessa forma, as diferentes línguas de sinais, os dialetos ou sinais regionais e as diferentes línguas de sinais indígenas - LSIn.

2.4.7 - Educação bilíngue: convenhamos celebrar também um tema de grande relevância para nossa percepção sobre o surdo. Vemos aqui um conceito que aproxima o sujeito surdo à sua identificação natural ao reconhecer sua língua como indispensável para sua educação. A educação bilíngue ainda possui um longo caminho para percorrer, pois, as políticas educacionais, ao tratar-se dos surdos, caminham a passos lentos na luta contínua em busca de uma educação efetiva.

2.4.8 - Políticas públicas: a celebração de vitórias conquistadas em políticas públicas teve progresso no Brasil, como a Lei de Libras e a inclusão da educação bilíngue na lei de

bases da Educação Nacional a conquista referente aos intérpretes. Bobbio (2008) relaciona a política com as atividades ligadas ao Estado. Dado que as políticas públicas sempre estiveram pautadas em modelos de ouvintes sob o controle do Estado, Lopes e Veiga-Neto (2006) demonstram que as lutas surdas são sempre um dos marcadores culturais surdos, isto é, as lutas sempre estarão presentes na vida dos surdos. Somente após inúmeras lutas e resistência às opressões vividas, os surdos conseguem ter espaço e participar de questões políticas, essenciais para o reconhecimento e espaço de fala.

2.4.9 - Associações de surdos: celebrar com as Federações e Associações de surdos é fundamental, pois exercem papel imprescindível na articulação, conscientização e defesa dos surdos. Dessa forma, será outro atributo a ser objeto de celebração. Para destacar essa ideia, teremos a FMS que representa hoje cerca de 70 milhões de surdos por todo mundo. No Brasil somos representados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS. As Associações de Surdos, por sua vez, estão distribuídas em Capitais e muitos outros locais do Brasil e reúnem sujeitos surdos que compartilham histórias, costumes e tradições, violências e lutas em comum. Elas são um dos agentes para as questões das identidades e subjetividades surdas.

2.4.10 - Movimento na comunidade surda: É possível notar também a relevância dos movimentos surdos realizados com ouvintes solidários com a causa surda. Os ouvintes também contribuem para a consciência surda, salvo alguns poucos audistas que desejam aproveitar do movimento. Segundo narra Mottez (1992), os movimentos de surdos já se fazem presentes desde o ano de 1834, quando surdos se reuniram para fazer um banquete em homenagem a Abade L'Épée, o primeiro a usar a língua de sinais para a educação dos surdos. Com o passar dos anos, as pautas dos movimentos foram ganhando novos objetivos, entre eles, a luta pelo direito de uso da língua de sinais e na instrução de ensino. No Brasil, essas ações tiveram muitos efeitos, tais como: o reconhecimento da língua de sinais, o acesso à educação, a criação de Faculdades de libras, de intérpretes e de professores de educação bilíngue, bem como as legislações para assegurar os direitos pertencentes ao povo surdo, entre outros.

2.4.11 - Tradução e interpretação: Gesser (2011) aborda o papel dos profissionais que atuam nessa área, e embora as demandas foquem em contexto educacionais, não se deve limitar apenas nesse campo. Fato é que a atuação desses profissionais na comunidade surda está repleta de responsabilidades, uma vez que são eles um dos caminhos entre as línguas orais e sinalizadas. Cabe ao profissional manter a ética, postura e buscar novos conhecimentos diariamente para uma boa atuação.

2.4.12 - Literatura e Arte: elementos da cultura surda são potentes quando se trata de favorecer o conhecimento da diferença do surdo e sua identidade. Elementos da literatura e arte surda se aplicam no cotidiano, por exemplo:

a) A literatura surda, principal base para transmissão de narrativas nas línguas de sinais, como, por exemplo, compartilhar histórias, lendas, contos, piadas e poesias, fábulas, cordel e outras é uma das características da literatura surda, que busca registrar esses momentos para fortalecimento da língua. Além de ser uma importante referência para alfabetização de crianças surdas, ao envolver representações visuais em sua estrutura.

b) Criações artísticas: Strobel (2008) afirma que os povos surdos realizam muitas

criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura. A arte permite ao sujeito surdo criar para si, uma forma de representatividade, onde pode colocar em prática sua perspectiva de mundo, sem barreiras.

2.4.13 - No Esporte: A respeito do esporte, queremos destacar, parafraseando Di Franco (2014) que, o esporte teve importante papel no processo de organização e de transformação subjetiva dos surdos à medida que se promoveu a autoestima dos indivíduos, a autonomia dos grupos e o reconhecimento dos demais e o esporte como um meio de inserção e de modificação das relações político-sociais dos surdos no Brasil. A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), responsável pela participação dos surdos em eventos nacionais e internacionais, destaca a importância na introdução dos surdos na sociedade e em suas próprias comunidades.

2.4.14 - Comunicação: A conscientização está ligada diretamente às barreiras de comunicação linguística enfrentadas pelos surdos, problema que se estendeu por anos. Por mais que seja um problema visível e exista a violência linguística na comunicação, ainda falta um olhar crítico para esse tema, afinal, o acesso à informação é um direito de todos. Nesse momento, torna-se ainda mais evidente a falta de acessibilidade para a pessoa surda. Por conseguinte, faz-se necessário, e fundamental, alternativas e mecanismos que atendam essa realidade. Podemos dizer que o relatório da Primeira Conferência Estadual de Mulheres Surdas - 2023 mostra que esse aspecto da comunicação nos hospitais e nas delegacias, serviços esses disponibilizados na sociedade é preocupante, porém, sem nenhuma consciência a respeito da pessoa surda. Com isso, a violência linguística se perpetua.

Considerações Finais

Celebrar não é somente seguir as datas, mas também repudiar a colonização e dominação audiocêntrica com sua violência linguística que nos atingem e nos obrigam a olhar para os espaços em que nos situamos. Celebrar contribui para que nos aproximemos daquilo que nos perpassa e nos constitui como surdos. Somos surdos e temos princípios constantemente tensionados ao longo do tempo. As celebrações em nossa cultura ajudam a nos olharmos, e perceber-nos na dura tarefa de fazer acontecer a identidade.

As celebrações são também espaços em que muitas gamas de epistemologias surdas surgem. São momentos ricos, que, por excelência, determinam a diferença surda como uma diferença cultural. As celebrações podem motivar o surgimento de novos protagonismos ou indicar caminhos de resistência e lutas que outros já trilharam.

As reflexões realizadas durante as celebrações corroboraram para a compreensão do protagonista, não como um sujeito “pobre de experiência”, mas como uma potencialidade constitutiva do indivíduo, considerando suas experiências como elementos fundantes da identidade e a simultaneidade da diferença, como condição de ser surdo.

As celebrações contribuem para que o sujeito surdo não se sinta um inútil, ainda que existam surdos “pobres de experiências”, estes sempre tendem a encontrar-se. As celebrações também ocorrem para se perceber que a vida surda nos grupos não significa um gueto, como nos acusam. A questão surda é que somos leitores por excelência contradizendo a norma audiocêntrica estabelecida pelos ouvintes. Todo surdo é um potencial para a vida do povo surdo.

Esse artigo, que se encerra momentaneamente, trouxe ao debate as celebrações surdas, registrou, em parte, as necessidades e atos realizados por surdos. Não obstante, ainda há muito a dizer sobre o lugar de fala vivido pelo povo surdo, seja na educação, ou nas políticas

linguísticas. Tratar de protagonismo e dos protagonistas presentes no povo surdo é trazer a vida com questões experienciais e questões móveis, que podem ser ainda aproveitadas como quesito necessário para o “ser surdo”.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas, reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.
- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade: Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- BERTHIER, F. **Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée**. In: LANE, H. E.; PHILIP, F. The deaf experience: classics in language and education. Tradução do original francês para o inglês de PHILIP, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984 [1940].
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Semana Internacional dos Surdos**: última semana completa de setembro. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/semana-internacional-dos-surdos-ultima-semana-completa-de-setembro-20-a-26/>. Acesso em: 19 de nov. 2022.
- BOBBIO, N. **Dicionário de política**. 13. ed. Brasília: Editora UnB, v. 2, 2008.
- BRASIL. **Lei Nº 11.796**, de 29 de outubro de 2008. Institui o Dia Nacional dos Surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11796.htm. Acesso em: 20 de nov. 2022.
- DAVIS, L. **The politics of deafness**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.
- DI FRANCO, M. **Esportes surdos na constituição do ser social: o resgate histórico sob a perspectiva da educação ambiental**. 2014. 80 f. Dissertação [Mestrado em Educação Ambiental], Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande.
- FEBRAPILS. **Dia do Tradutor e intérprete de Línguas de Sinais: 26 de julho ou 30 de setembro?** Disponível em: <https://blog.febrapils.org.br/dia-do-tils-26-de-julho-ou-30-de-setembro/>. Acesso em: 20 de nov. 2022.
- FENEIS. **Relatório da Primeira Conferência Estadual de Mulheres Surdas**. 2023.
- GESSER, A. **Tradução e interpretação da Libras II**. Curso de Licenciatura em Letras Libras. Florianópolis: UFSC, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. **Some reflections on 'The Break-up of Britain'**. New Left Review, v. 105, n. 1, p. 3-23, 1977.
- INES. **Conheça o Ines**. 2022. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acesso em: 20 de nov. 2022.
- LADD, P. **Understanding Deaf Culture - In Search of Deafhood**. Multilingual Matters Ltd. 2003.
- LADD, P.; LANE, H. **Deaf ethnicity, Deafhood, and their relationship**. Sign Language Studies, v. 13, n. 4, p. 565-579, 2013.
- LARA, A. A. **Experiências de Protagonismo Surdo**. 2021. 159 f. Dissertação [Mestrado em Educação], UNISINOS, São Leopoldo.
- LOPES, M.; VEIGA-NETO, A. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar**. Perspectiva, v. 24, n. 03, p. 81-100, 2006.
- MOTTEZ, B. **Los banquetes de sordomudos y el nacimiento del movimiento sordo**. Revista do GELES, Rio de Janeiro, n.6, p. 5-19, 1992.
- PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **O surdo na América: vozes de uma cultura**. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1998.
- PARSTODAY - **Dia Internacional do Surdo**. 2022. Disponível em: <https://parstoday.com/pt/radio/world-i23135-dia-internacional-do-surdo>. Acesso em: 20 de nov. 2022.
- PERLIN, G. **Identidades Surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.
- SOUZA, R. **Que palavra que te falta?** Linguística, educação e surdez. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1998.
- STROBEL, K. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- STUMPF, M. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de sinais no papel e no computador**. Tese 2005. 329 f. Tese [Doutorado em Informática na Educação], UFRGS, Porto Alegre.